

Relatório ao Sr. Superintendente -

Posto Indígena Kateté, 21/12/1987.

Carlos José Escrawen Sompré - Técnico Agrícola e Pesquisador
Chefe Substituto PT. Kateté.

Papeleta de encaminhamento - de Adm. regional de
Navabí - nº 001/88/ARMA - data 08-01-88.

Relatório sobre a invasão na área indígena Kateté
por madeireiros - (José Ferreira Campos Junior - Adm. Regio-
nal Fuarí / Navabí / Portaria 1235/Previ) -

#

Relatório - Documentos:

Anexo 1: Relatório do Técnico agrícola Carlos José Escra-
wen Sompré sobre os danos causados à reserva in-
dígena Kateté.

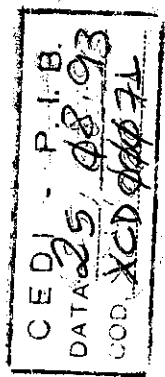
Anexo 2: Recibo parcial dos danos causados.

Anexo 3: Cópia do cheque que ressarcir metade
dos danos causados.

Anexo 4: Depósito feito pelos xicrims na Caixa Econo-
mica Federal.

A forma como chegamos ao Total do valor a ser
pago aos xicrims foi a seguinte: O servidor Carlos
José levantou 606 toros de madeira retiradas,
calculando-se a média de 4 met. cúbicos por árvore
teremos um total de $606 \times 4 \text{ m}^3 = 2.424 \text{ m}^3$, ao valor
de 12,21 OTNs o m^3 temos $2.424 \times 12,21 \text{ OTNs}$
igual a 29.597,05 OTNs, onde então levantamos
o total dos danos em 29.597,05 OTNs, valor que o
Sr. Paulo Huida se comprometer em ressarcir
pelo fazendo em 50% inicialmente.

Tentaremos colocar mais um posto de vigilância na



região invadida pelo madeireiro com a finalidade de evitar uma nova invasão.

Assinado José Ferveira Campos Junior -

#

Relatório de Carlos José Escrawen Soupré, Técnico Agrícola e Pecuarista sobre descoberta e apreensão de madeireiro, cálculos de danos causados pelos mesmos na Res. Indígena Kateté.

Parte I

Dia 18/III/87 chegou neste posto (casa-sede) líder desta comunidade, Buatiê, para relatar que o índio Bereré ao fazer uma caçada nas proximidades da Grota do Bekware, ouviu barulho que dizia ser de avião. O mesmo retornou à aldeia e relatou a comunidade tudo o que ouviu e o que pensava que fosse. Segundo o líder, o índio dizia ser garimpeiro na área Xicrin, e que a aeronave estava jogando alimentos para o pessoal que ali se encontrava. Dias antes, segundo o líder, o índio Itacaionas viu pipoe cortado dentro da reserva, por branco, nas proximidades do local citado pelo primeiro silvicultor.

Irado e chateado com tudo o que estava acontecendo dentro da reserva, o líder Buatiê, me pediu para que chamasse, isto é, solicitasse a presença do Sr. José Ferveira Campos Junior, Adm. Regional de Jarobá / Juari, para que juntamente com guerreiros indígenas desta comunidade, visitasse o local e apreendesse os indivíduos que lá viesse encontrar, fato esse que me opus logo em seguida. Em poucas palavras expliquei que eu mesmo como substituto do chefe, eu estava aqui para resolver qualquer coisa que estivesse ao meu alcance e que esse era um

do tal. Pedi para que ele enviasse comigo alguns
ferreiros velhos, por ser mais compreensivo, para
fazer tal averiguação, ideia que ele aceitou.

Dia 20/11 partimos a procura dos invasores.
Seguimos pelo caminho que vai à boca da Grotã
do Bekware, rumo sudoeste tendo a aldeia
como ponto de referência. Terminamos na confluência
da Grotã do Bekware com o rio Katetê. No outro
dia cedo, seguimos beirando o Bekware durante
tres horas, quando achamos uma picada total-
mente dentro da reserva, paralelo ao limite
oeste da área Katetê, que leva do marco 06 ao 09,
passando pelo 07 e 08.

Seguimos por esse pique, feito com orientações
de búzina. Atravessamos riachos e picadas diversas
vezes, o que ficou certo da presença de grileiros naquel-
im da p. 1. parte da área indígena.

Cansados de andar paramos e pegamos outra picada,
que ia rumo ao limite oeste da reserva no sentido
diagonal a mesma. Não andamos muito neste
sentido quando deparamos com uma estrada feita
a máquina (trato), a qual tinha rasto profundo
de pneus. Certificamos imediatamente que o local
estava sendo explorado por madeireiros, pois havia
tocos de arrais (mogno), cortados recentemente por
motor-serra.

Seguimos na estrada rumo oeste, o qual nos
permitia ir até o limite, para ver onde o mesmo
se encontrava. Não encontramos pois estava
distante e ruído, isto é, coberto de mata. Resolvemos

voltar, andamos todo esse perímetro dentro da reserva, pois os índios me mostravam local por onde já haviam passado e caçado antes. Como era quase noite resolvemos dormir a beira de um riacho que cortava a estrada. Antes de dormir ouvimos barulho de máquina não muito longe do lugar onde nos acampamos, no rumo em que estávamos a seguir.

No outro dia, fomos no rumo do barulho que ouvimos na noite anterior, entrando cada vez mais dentro da reserva. Com uma hora e meia andando, chegamos ao acampamento dos madeireiros, os quais nos receberam temerosos. Ao todo eram 7 homens. Perguntei quem dera ordem para eles estarem ali, me disseram que estavam sobre a custódia de uma madeira por nome Paratur, de propriedade do Sr. Paulo, procurei o sobrenome do mesmo, responderam que não sabiam. Prossiguei no diálogo dizendo que referida madeira localizava-se em Puritândia, no município de São Felix, que a madeira tinha comprado a madeira de gileiros que diziam ser donos da terra. Perguntamos nomes mesmos e me responderam que não sabiam, pois eram apenas empregados da firma acima citada.

Dissemos aos homens que foi ouvido avião naquelas imediações, me disseram que havia uma pista de pouso ali perto, a qual era usada para aviões vindo da cidade para trazer alimentos, pois a estrada estava cortada, fato que observamos quando paramos por ela.

Passaria a conferir o que tinha no local, havia dois caminhões, dois tratores, uma carregadeira, uma squid (?), um gerador de luz portátil, um tanque de combustível com capacidade de 6.000 litros, cinco barracos cobertos de lona plástica, os quais eram usados para dormitório, garagem e cozinha, alimento para 10 pessoas passavam o inverno.

Em seguida fomos a pista de pouso que ficava perto dos barracos, pedi aos índios que interditassem a mesma, a fim de evitar mais invasões. Quando voltamos aos barracos pedi aos homens que ali estavam para nos acompanhar até a aldeia, pois eles estavam dentro da Reserva Indígena explorando madeira, e que apenas eles poderiam mostrar o mandante da exploração, que por sua vez ia pagar aos índios o prejuízo causado na reserva. Ficaram temerosos mas não tiveram escolha! Vimos por dentro, isto é, direto para a aldeia.

Entrei em contato com Marabá (Fruai), através do rádio, relatando o ocorrido no radiograma nº 123/KTT de 24/11/87, pedindo a presença do Sr. Administrador Regional da FRUAI, para tomar as devidas providências junto à justiça.

Dia 24/11 descobri que entre os 07 homens, vindo do local da retirada de madeira, 02 estavam com doença venérea, fiquei surpreso e temeroso que a doença pegasse nos índios. Por coincidência a tarde veio uma aeronave da aldeia Kikretum, trazendo índios para se tratar com o pajé desta aldeia. Sendo que referida aeronave retornaria

a cidade de Tucumã, pedi ao comandante que levasse os dois indivíduos que se encontraram doente até aquela cidade.

No dia 25/11 chegou neste P1 o Adm. Regional, Sr. José Ferreira C. Junior, que manteve contato com os líderes e índios desta comunidade a respeito das referidas invasões, depois retornou a Marabá com os cinco homens que se encontraram aqui, para prestarem depoimento na Polícia Federal.

No dia 01/12 chegou a esta aldeia Sr. Gerson Menezes mandado pelo Sr. Paulo, dono da madeireira a qual se encontrava com os maquinários dentro da reserva. Com interesse de convencer os líderes desta comunidade a liberar as máquinas aprisionadas dentro da reserva, Sr. Gerson propôs a ida dos mesmos a Tucumã a fim de conversar com o Paulo sobre o referido assunto. Indisposto a ir, os líderes designaram os índios Karangré e Kropidjo. Mesmo contra meu pedido para que não fizesse tal viagem, partiram para Tucumã. Chegaram na referida cidade e mantiveram o contato com o Paulo, receberam do mesmo a proposta de R\$ 150.000,00 em dinheiro para retirar as máquinas da reserva. Logo em seguida o índio Karangré manteve contato com o líder Buatié, para ver se fechava o referido acordo. Na mesma hora recebeu permissão para tal negócio. Mantido o negócio fechado Karangré e Kropidjo partiram com o dono da madeireira para retirarem as máquinas, após a saída das mesmas, os índios retornaram com o dinheiro para a aldeia, em avião pago pelo madeireiro.

Parte II.

No dia 08/12/87 chegam neste Posto Indígena, vindo de Marabá, o servidor Rivaldo Gomes, via calderas e posteriormente de barco. Com finalidade de me acompanhar no trabalho que fui designado de acordo com C.T. 307/87/ARMA, referido servidor se apresenta.

Partimos dia 10/12 pela manhã. No acompanhamento 4 índios da comunidade. Fizemos o percurso do dia até a confluência da Crustã do Betware com o rio Cateté, onde dormimos. Seguimos no outro dia rumo ao limite oeste da reserva por uma picada feita pelos índios, nesse dia dormimos perto do pique. Só no terceiro dia é que chegamos ao limite, nas imediações onde tinha parado a limpeza do pique, feita a tempos atrás pelos índios Xikrin.

Com o seguimento do pique parcialmente limpo pelos guerreiros indígenas, não foi difícil chegar a estrada que cortava o mesmo com sentido ao centro da reserva. Referida penetração se dá a 1,5 km do marco 08 rumo ao 09. (ver croqui em anexo).

Chegando no local da penetração tem um riacho que praticamente separa, como limite, a reserva ficando referido riacho a pouco mais de dez metros dentro da reserva, o qual, de acordo com placa no local, é denominado Ribeirão Feitoza. No mesmo local (imediações), verificamos uma roça plantada de milho e arroz de aproximadamente 3 ha. metade desta área está dentro da reserva e metade

fora. Verificamos ainda que casa de morada ficava dentro da reserva, cerca de uns duzentos metros do limite. Referida moradia se encontrava deserta. Na tarde ao chegar na aldeia, viu a saber que os guerreiros tinham colocado todos para fora, matando as criações, como porcos, galinha, patos e outros.

Como já era de tarde paramos no lugar para dormir. No outro dia seguimos a estrada rumo oposto ao limite, isto é, para o centro da reserva. Tão logo começamos a andar, vimos arrastões de retirada de madeira do mato para beira da estrada. Como eram muitos, andamos de um a um, conferindo e medindo os tocos das árvores retiradas da seguinte forma: pegamos o metro, colocamos na parte superior, isto é, parte plana deixada pelo corte da moto-serra, medimos o diâmetro descontando a casca, refizemos o mesmo processo só que no sentido à cruzar com a primeira medida, somamos a primeira medida com a segunda, pegamos o resultado e dividimos por dois, assim obtivemos o valor final da matemática e lançamos o romanceio.

Como foi relatado anteriormente, na medida que iam entrando na estrada rumo ao centro da reserva, encontrávamos os arrastões, os quais encontramos também muitos árvores cortadas e derrubadas no lugar onde fora caída. Essas, usamos da seguinte forma; pegamos o metro, medimos o diâmetro da parte final onde foi separado pela moto-serra, do tronco, fizemos o

mesmo processo sentido cruzado ao primeiro, sempre descontando a casca, pegamos os dois valores, somamos e dividimos por dois, o valor final lançamos no romaneio juntamente com o comprimento da parte útil para serramento, da árvore.

Encontramos três estradas secundárias à principal antes de chegar nos barracos, onde antes fora alojamentos dos madeireiros. Referidas estradas continuam muitas árvores esplanadas, as quais só não foram retiradas devido ao período chuvoso que dificultou o trânsito naqueles locais. Conferimos e medimos referidas toras (árvores) da seguinte forma; pegamos o metro, medimos na parte terminal, o diâmetro descontando a casca, refazendo a mesma medida em sentido cruzado com a primeira, pegamos os dois resultados somamos e dividimos por dois, obtendo assim o valor final. Fizemos o mesmo processo na outra parte final da tora obtendo o resultado desejado. Pegamos o primeiro resultado, somamos com o segundo, o resultado da soma dividimos por dois, ficando assim o diâmetro desejado, o qual lançamos no romaneio juntamente com o comprimento da tora. O fator importante é que toda a madeira esplanada é de fácil acesso por veículo.

Ao chegar nos barracos, onde nós nos instalamos até o término do trabalho, prosseguimos e encontramos mais três estradas secundárias onde

foi tirada bastante madeira. Fizemos os mesmos processos que aplicamos anteriormente nas outras estradas e arrastões.

Após verificar e conferir por todos os lugares, fomos medir as estradas secundárias, pois a principal já havíamos medido quando nós nos deslocávamos na mesma, rumo aos barracos dos madeireiros onde ela termina. Resultado final das medidas foi as seguintes; Estrada principal, do limite da reserva até os barracos com 18km de comprimento por 15 metros de largura; Primeira estrada secundária com 3km de comprimento por 10 de largura; segunda com 3km de comprimento por 10 de largura; Terceira com 5km de comp. por 10 de largura; quarta com 7 km de comp. por 10 de largura; quinta com 2 km de comprimento por 10 de larg.; sexta com 2 km de comp. por 10 de largura; uma pista de pouso com 500 m. de comprimento por 50 metros de largura.

Observamos durante todo o trabalho realizado que toda a madeira explorada, cortada, esplanada e tirada da Reserva Xikrin é da espécie Mogno, tendo apenas duas árvores de cedro Manso.

Obs: anexo a esse relatório segue romaneiro das medidas dos tocos e árvores. Além de um croqui imaginário da refiat por onde passamos

Carlos José Escrawen Sompre
Técnico Agrícola e Pecuarista
Chefe Substituto Pin Ka Teté

Romaneio

Medidas métricas do diâmetro dos tocos das árvores de mogno retiradas da Reserva Xikrin.

p. 8 200 árvores - O diâmetro é entre 0,70 a 1,80.

p. 9 200 árvores - p. 10 200 árvores p. 11 100 árvores

p. 12 ~~100~~ árvores = 700 árvores

Recibo

Paraná / PA 29 Dezembro 1987

Recibo referente ao acordo entre a comunidade Indígena Xikrin e Paulo Huida, sobre os danos causados à área Indígena Katetê'.

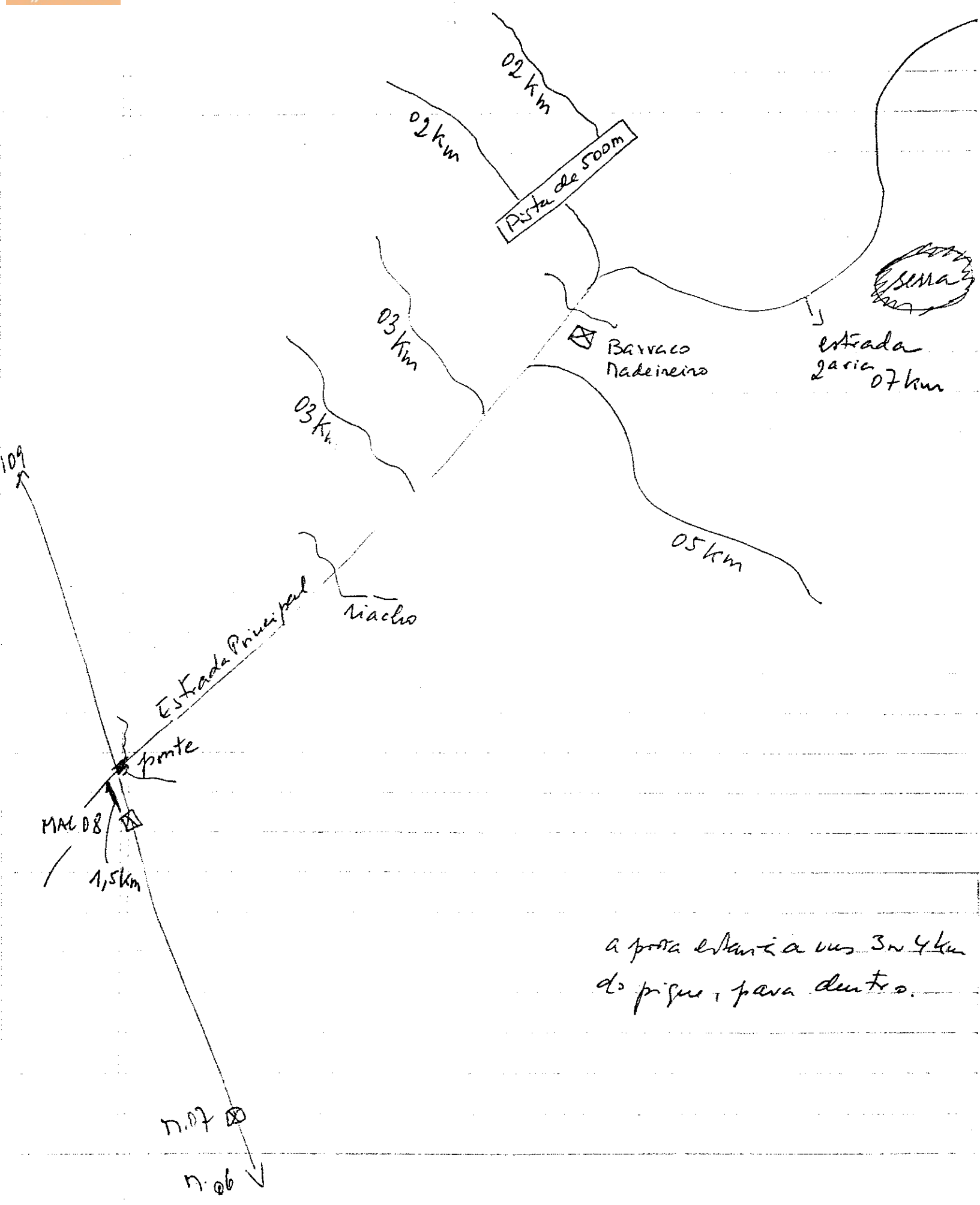
A área indígena Katetê', foi adentrada ilegalmente pelo Sr. Paulo, brasileiro, casado, carteira de identidade RG no 186.692 - SSP/PR, CPF nº 535.801.13/92, desta entrada indevida, resultou um dano à área indígena com o corte e retirada de 606 árvores da espécie florestal Mogno. Houve acordo entre a comunidade Xikrin e o Sr. Paulo Huida, sobre o total em DTM's, em cruzado dos danos causados à referida área indígena que faz um montante de R\$ 15.473.337,36 (Quinze milhões, Quatrocentos e setenta e três mil, trezentos e trinta e sete cruzados e trinta e seis centavos) correspondente no dia 30 de dezembro de 1987 a 29.597,05 DTM's.

Atendendo à solicitação do Sr. Paulo Huida, concordaram as lideranças Xikrin em receber 50% do valor, que montará a R\$ 7.736.671,48, equivalente a 14.798,53 DTM's, nesta data, ficando o restante das 14.798,53 DTM's, a ser em pago pelo Sr. Paulo

Huida até o dia 30 de Junho de 1988, podendo ser antecipado, tal pagamento deverá ser feito com o valor da DTN atualizada na data da quitação total dos danos.

Assinam Paulo Huida
 José Ferveira Campos Júnior
 Buatie Xikrin
 Benoti Xikrin
 Karangre Xikrin -

Até o cheque do verdadeiro Paulo Huida. No Banco
 Bamerindus - Sac Felix do Xingu - 29/12/87.
 Depositado em nome de Karangre na Caixa
 Econômica Federal \$17.736,00, oo.

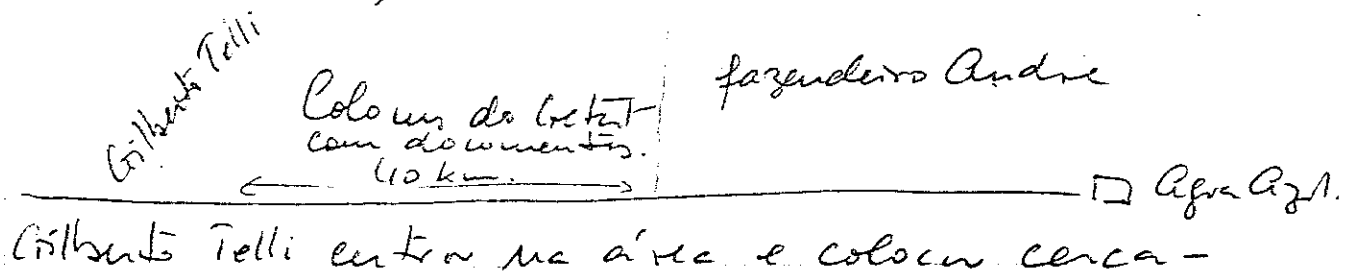


a posta está a uns 3 ou 4 km do pique, para dentro.

O Posto do Belware foi construído em Junho de 1958 por Paulo Huida, madeireiro, de Orilândia, lugarço entre Tucumã e o Catete'. Parece que este madeireiro vai embora - De Tucumã até o Posto Belware, que se encontra bem a margem do pique, há 120 km - Estrada, transitável no verão, ela é mantida pelo fazendeiro de foias, Sr. Feitosm que possui terras às margens desta estrada e uma fazenda que faz fronteira com o pique da Reserva, a partir do marco 8, para o Norte, num comprimento de 7 km - Mas é madeireiro - Cria Gado e parece uma pessoa direita, homem de uns 60 anos - Onde imaginária parada -

Da aldeia do Catete' até o Posto Belware, para os índios, um dia e meio de caminhada

Na Frankeira Arl. P.V



Gilberto Telli entra na área e coloca cerca -

Rios da Reserva com nomes, mais destacados -
 Aquari - Tucum - Belware - Catete - Palmeti - Rio Seco -
 Rio Itacurunas - Pium Pequeno - Pium Grande -

